



FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELILÚCIA GOMES BINGRES
SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ
VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS

**FORMAÇÃO INICIAL: O PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA – BAHIA**

GOVERNADOR MANGABEIRA – BA

2015

ELILÚCIA GOMES BINGRES

SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ

VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS

**FORMAÇÃO INICIAL: O PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA – BAHIA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Maria Milza, como requisito de avaliação na disciplina de TCC II, ministrada pela Prof.^a. Josemare Pereira dos Santos Pinheiro.

Orientadora: Roberta Gonçalves dos Santos

GOVERNADOR MANGABEIRA – BA

2015

Dados Internacionais de Catalogação

Bingres, Elilúcia Gomes

B613f Formação inicial: o professor e a prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia / Elilucia Gomes Bingres, Suzana de Almeida Ortega Cruz, Vanderleia França Romão Santos. – 2015

54 f.

Orientadora: Profa. Roberta Gonçalves dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2015.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Formação inicial. 4. Prática Pedagógica. I. Santos, Roberta Gonçalves dos. II. Título.

CDD 370

ELILÚCIA GOMES BINGRES

SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ

VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS

**FORMAÇÃO INICIAL: O PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA - BAHIA**

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA DE APRESENTAÇÃO

Nome do(a) orientador(a)

Faculdade Maria Milza

Nome do componente

Faculdade Maria Milza

Nome do componente

Faculdade Maria Milza

Nome do componente

Faculdade Maria Milza

GOVERNADOR MANGABEIRA – BA

2015

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Paulo Freire

Dedicamos esta pesquisa primeiramente a Deus que nos guiou, deu força e inspiração para vencermos esta batalha, a nossos pais, a nossa família pela compreensão, apoio e paciência que tiveram durante nossas ausências.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por sempre nos acompanhar e guiar em todos nossos objetivos de vida.

A todos os professores que compartilharam suas experiências e conhecimentos para formar profissionais éticos e responsáveis.

Aos colaboradores que participaram do questionário, mostrando solícitos, disponíveis a ajudar para o êxito de um bom trabalho.

Aos nossos amigos que entenderam e sempre estiveram ao meu lado durante esse período de difíceis esforços e correria para a conclusão desse trabalho de curso.

Não poderia deixar de agradecer também aos nossos colegas do curso que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito desta longa jornada.

Nossos sinceros agradecimentos.

RESUMO

Alfabetização é um processo contínuo que não se restringe apenas ao conhecimento da escrita e da leitura, sendo este muito amplo, pois, permite ao indivíduo inserir-se na sociedade atual e se organizar em torno de uma cultura letrada. Inúmeros são os conceitos que se tem buscado para a alfabetização, devido, este termo ter se modificado ao longo dos anos. Diante do exposto, é importante apontar que as escolas estão preparando seus educandos para ler e escrever, porém, parece haver uma distância cada vez maior entre as exigências sociais e as habilidades de leitura e escrita apresentadas por esses alunos. Portanto, o presente projeto monográfico discorre sobre a Formação Inicial: O professor e a prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia. Tem como questão central: Quais as implicações da formação inicial dos professores no fazer pedagógico com crianças em processo inicial de leitura e escrita no município de Conceição do Almeida - Bahia? E para responder tal questionamento, traçaram-se como objetivo geral compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os alunos no processo de alfabetização. Conclui-se, portanto, que o docente necessita compreender o processo da alfabetização e letramento bem como aplicá-los em sala de aula, utilizando ferramentas que explorem melhor a capacidade de interação, produção e contextualização dos discentes, bem como, explorar as experiências vividas durante toda a construção do trabalho, aplicar os métodos de avaliação tais como: deve-se primeiramente pensar no aluno, nas suas habilidades, dificuldades e levar em conta os conhecimentos relacionados ao seu cotidiano, além de buscar capacitação profissional, visando adquirir novas experiências, novos olhares e novas práticas quando se trata do ato de ensinar a ler e a escrever.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Formação inicial; Prática pedagógica.

ABSTRACT

Literacy is an ongoing process that is not restricted only to the knowledge of writing and reading, which is very broad, therefore, allows the individual to enter in the current society and to organize around a literate culture. Numerous are the concepts that have sought to literacy, because this term have been modified over the years. In this light it is important to point out that schools are preparing their students to read and write, but there seems to be a growing gap between social demands and the reading and writing skills displayed by these students. Therefore, this monographic project discusses the Initial Training: Professor literacy and pedagogical practice of literacy in Conceição do Almeida municipality - Bahia Its central question: What are the implications of initial teacher training in pedagogical practice with children in initial process reading and writing in the municipality of Conceição Almeida- Bahia? And to answer such questioning is traced as a general objective to understand the implications of initial training of teachers in developing their teaching practices with students in the literacy process. We conclude therefore that teachers need to understand the process of literacy and literacy and apply them in the classroom using tools that best exploit the ability of interaction, production and contextualization of students, as well as explore the experiences throughout the construction work, to apply the methods of assessment, planning, and seek professional training aimed at acquiring new experiences, new looks and new practices when it comes to the act of teaching to read and write.

Keywords: Literacy; literacy; Initial formation; Pedagogical practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	13
2.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR	17
2.3 ALFABETIZAÇÃO E OS DESAFIOS EM ALFABETIZAR.....	20
2.4 LETRAMENTO CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	22
2.5 LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	24
3 AS IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.....	27
4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	29
4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	29
4.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.....	30
4.3 METODOLOGIAS PARA A ATUAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	34
4.4 O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	48
ANEXOS	51

1. INTRODUÇÃO

O processo de Alfabetização possui especificidades, não podendo ser confundido como série, portanto requer uma atenção especial, além de professores capacitados e aptos a compreender as necessidades dos educandos. Educar nesse sentido não é algo simples, pois envolve tempo, cultura, psicológico, afetivo, meio social entre outros fatores. Diante do exposto, salienta-se que os docentes não pode apenas desenvolver suas habilidades a partir de suas convicções, precisa entender que vai lidar com crianças que tem habilidades e individualidades que devem ser exploradas e desta forma, necessitam adaptar seu ponto de vista ao da criança.

Considerando o processo de aquisição da leitura/escrita uma etapa relevante na vida da criança, e entendendo ainda que a função do professor que alfabetiza é fundamental nesse processo, a forma como este atua neste período poderá decretar o sucesso ou o fracasso do aluno. O primeiro ano do Ensino Fundamental é uma das principais etapas quanto ao aprendizado na vida do ser humano, é neste momento que ele começa a descobrir a si e ao mundo que o cerca, sendo necessário estabelecer relação de prazer, respeito e socialização com o meio em que vivem.

Partindo deste pressuposto, é necessário que o professor no contexto escolar da alfabetização estimule no aluno o prazer pela leitura, levando em consideração o seu cotidiano, suas vivências, ações, bem como sua herança moral e cultural. Portanto, é sabido que todos esses processos de evolução social e intelectual do aluno deverão ser instigados pelo educador, para que estes possam viabilizar uma melhor relação aluno/professor.

Portanto, a pesquisa monográfica discorre sobre a Formação Inicial: O professor e a prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia. Tem como questão central: Quais as implicações da formação inicial dos professores no fazer pedagógico com crianças em processo inicial de leitura e escrita no município de Conceição do Almeida- Bahia? E para responder tal questionamento traçaram-se como objetivo geral: compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os alunos no processo de alfabetização. E de forma específica: caracterizar o processo de formação inicial dos professores alfabetizadores; Identificar as

necessidades teóricas metodológicas para a atuação na alfabetização; verificar as implicações decorrentes da formação inicial do professor no ensino aprendizagem da leitura e escrita.

A presente pesquisa justifica-se na medida em que busca compreender a formação inicial da prática pedagógica de alfabetização que poderá contribuir para o avanço dos docentes diante das dificuldades em trabalhar no primeiro ano Ensino Fundamental I.

Estes possíveis resultados, poderão promover para a vida do professor alfabetizador uma reflexão crítica, propondo discutir sobre formação inicial, seus desdobramentos na prática docente, identificando os saberes motivacionais na atuação pedagógica.

A partir da identificação de concepções, características, contradições e desafios da prática pedagógica, faz-se necessário conhecer as implicações decorrentes da formação inicial, em que ter profissionalismo e compromisso social implica em pensar e pensar-se como professores não só cumprindo tarefas didáticas, mas numa perspectiva maior que inclui a gestão escolar e os projetos políticos pedagógicos, atuando com gerações que tem estilos, linguagens e aprendizagens diversas, com novos anseios e desafios à competência dos professores. Assim, a ação pedagógica enquanto estímulo teórico e constante de reflexão da ação educativa associa-se na realidade das práxis.

Para a realização da monografia foi feita uma pesquisa qualitativa cuja interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados no processo da pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva, pois como ressalta Gil (2010, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Ainda neste contexto, o mesmo autor acrescentar que uma pesquisa descritiva se ocupa em descrever as características de uma determinada população, fenômeno ou estabelecer relação entre as variáveis Gil (2010).

O trabalho foi realizado na cidade de Conceição do Almeida /BA, situada no Recôncavo Baiano a 160 km da capital baiana, obtendo como densidade populacional cerca de 100.550 mil habitantes em 2104. Vale salientar que a pesquisa ocorreu em três escolas municipais, onde foram observadas as turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental I, tendo como objeto de observação as professoras que atuam nestas classes.

A pesquisa foi realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de questionários semiestruturados aplicados aos professores para melhor compreensão às explicações e interpretações das análises e discussões dos dados coletados.

A pesquisa foi dividida em dois capítulos, no primeiro capítulo discutimos a alfabetização no contexto escolar nas escolas de Conceição do Almeida – BA, abordou-se também sobre o processo de formação do alfabetizador, os desafios em alfabetizar, os conceitos e definições de letramento, bem como, os desafios no contexto escolar e a relação do letramento como proposta pedagógica social na alfabetização. No segundo capítulo serão abordados os resultados e discussões, e para melhor contextualizar esses resultados faz-se necessário compreender sobre as implicações da formação inicial, a formação do professor alfabetizador, metodologias para a atuação no primeiro ano do ensino fundamental e também sobre o ensino aprendizagem da leitura e escrita. Por fim, listaremos as conclusões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

O processo de alfabetizar sofreu transformações e evoluções ao longo dos tempos, isso se deu conforme houve necessidade. Para compreendermos melhor esta evolução, faz-se necessário entender que a leitura e escrita foram divididas em períodos que, de acordo com Sodré (2008) são:

1º Período: Método Sintético - da antiguidade até meados do século XVIII, (o mais antigo de todos, tem mais de 2000 anos, ensinava as letras, depois as sílabas).

2º Período: Método analítico - oposição do método sintético, tem início no século XVIII estendendo-se até o início do século XX, alfabetizava com palavras e sílabas.

3º Período: Método Paulo Freire - final do século XIX utiliza o universo vocabular do aluno.

Diante do contexto acima, pode-se notar que ao longo dos anos a alfabetização tem sido objeto de estudo que vem sofrendo mudanças principalmente no que diz respeito às discussões entre estudiosos e teóricos voltados ao elevado número de crianças que concluem o 5º ano do Ensino Fundamental, sem evidenciarem capacidades de leitura e escrita, o que tem trazido consequências severas no que tange ao desempenho e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos brasileiros.

As transformações na educação formal no Brasil têm sido alvo de inúmeras mudanças, sendo estas de suma importância para o contexto da alfabetização. Diante do exposto, salienta-se que essas transformações ocorreram principalmente, nos anos de 2005 e 2006, a partir das Leis Federais nº 11.114, de 16/05/2005 e nº 11.274 de 06/02/2006, que alteram a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20/12/1996. Bollmann (2012) ao analisar mudança do registro obrigatório de 7 para 6 anos no ensino fundamental e a ampliação desta etapa de ensino, afirmou que estas mudanças representam um marco no processo de transformações da educação básica no país.

Ainda segundo Bollmann, a ampliação do ensino fundamental para nove anos no Brasil se coaduna à prática de vários países que oferecem em média 12 anos de escolarização básica, incluindo países da América Latina. Portanto, cabe mencionar que o Brasil procura alinhar-se a tal situação, na expectativa de melhorar a educação no país, pois historicamente a educação brasileira enfrenta desafios ainda não superados, infraestrutura imprópria, altas taxas de evasão e repetência; analfabetismo; problemas na formação, carreira e valorização de professores; e a contradição entre acesso e sucesso escolar, já que o ingresso nas escolas brasileiras não tem representado a apropriação do processo de alfabetização, sendo este um dos maiores impasses a tão almejada qualidade na educação (BOLLMANN, 2012).

A alfabetização é um processo contínuo que não se restringe apenas ao conhecimento da escrita e da leitura, sendo este muito amplo, pois, permite ao indivíduo inserir-se na sociedade atual e se organizar em torno de uma cultura letrada. Inúmeros são os conceitos que se tem buscado para a alfabetização, devido, este termo ter se modificado ao longo dos anos. Diante do exposto, é importante apontar que as escolas estão preparando seus educandos para ler e escrever, porém, parece haver uma distância cada vez maior entre as exigências sociais e as habilidades de leitura e escrita apresentadas por esses alunos.

Soares (2003) afirma que por muitos anos na história do Brasil, o número de crianças que não conseguiam ler e escrever era bastante significativo. Este fato foi identificado, principalmente na década de 40, sendo que menos de 50% das crianças brasileiras conseguiam passar da 1ª série, ou seja, não conseguiam ler e escrever. Esta realidade histórica começou a se modificar com o passar dos tempos, mas cabe pontuar que até ocorrer essas mudanças enfrentamos diversos problemas na educação, inclusive, com o processo da alfabetização, que apresentou fracassos e conquistas.

De acordo com Alves (2009), vimos que foram inúmeras as causas que levaram a alfabetização a fracassar, estas causas devem ser analisadas de acordo com as perspectivas diversas do processo de alfabetização a partir de diferentes áreas. Portanto, cabe mencionar que cada uma destas expectativas parte de pontos distintos e buscam a explicação para o problema ora no aluno, ora no professor, ora no contexto cultural, ora no método, na escola, no material didático, ou no próprio código escrito. Ainda neste prisma, deve-se levar em consideração a importância da

alfabetização e seus distintos significados ao longo dos tempos. É relevante considerar os aspectos que a cercam e seus diversos conceitos, assim como, as significações que a envolvem.

Faz-se necessário discutir os conceitos de alfabetização para entender os diversos vieses no mundo da leitura e escrita, portanto, Lagos (1990, p. 16) apresenta através do conceito de Magda Soares sobre analfabeto, que: "Analfabeto é aquele que não usufrui do mundo da escrita, por não ter as habilidades ou por tê-las, mas não usá-las, por não poder ou não querer fazê-lo". Diante disso, cabe ao docente possibilitar ao discente adquirir aptidões e habilidades que aproximem da escrita e da leitura, incentivando-os a querer usá-las, pois somente assim, a alfabetização acontecerá de verdade. Já Gadotti sob a ótica de Freire conceitua alfabetização:

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, 'possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social' (Paulo FREIRE, Educação na cidade, 1991, p. 68 Apud GADOTTI).

Assim Ferreiro (1999) baseada em suas vivências com a educação infantil esquematizou algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial:

- Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreenderá a relação entre a escrita e a linguagem.
- Não se pode imediatamente, ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica.

Diante do exposto observou-se que as práticas pedagógicas que os docentes aplicam durante as aulas iniciais de alfabetização, nem sempre adotam essas propostas pedagógicas, fazendo com os discentes reproduzam apenas as atividades como lhes são propostas. Neste aspecto, as vivências cotidianas, o meio social e as habilidades intelectuais destes são inibidas, tornando-os reprodutores de um modelo de aprendizagem imposto pelo professor.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Portanto a autora afirma que o discente não se alfabetiza exclusivamente na escola, quando este inicia as primeiras atividades na alfabetização já tem um aprendizado prévio, principalmente do ambiente em que vive. Portanto, explorar o universo do aluno, bem como suas habilidades individuais e coletivas ajuda no desenvolvimento da aprendizagem, promove a interação social, possibilita o sujeito a conhecer universos que jamais pensaria em inserir-se, capacita-os para posicionarem-se criticamente diante dos conflitos sociais, políticos, culturais e econômicos.

A escola vem cada vez mais buscar observar e refletir sobre o contexto da educação em seu cotidiano, esta deve estar ciente que o papel de um ambiente alfabetizador é o de introduzir a resignificação do aprender a ler e a escrever, priorizando o mundo que a criança está inserida, pois o ambiente escolar pode favorecer para a construção de sujeitos históricos que confiam em sua capacidade de criar, inovar, interferir e de mudar os rumos da história do país. Portanto faz-se necessário priorizar a ação docente centrada no pensamento sobre uma pedagogia que priorize a alfabetização, de modo que valorize a relação do aluno/professor que esteja inserida num contexto favorecendo a construção dos saberes (FREIRE, 2002).

Nesta perspectiva Freire, (2002, p.33) indica que: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. O autor enfatiza a importância que a escola e especificamente os professores, devem respeitar de os saberes dos alunos, pois, estes saberes são construídos em suas práticas diárias e no seu convívio social. Para isso, faz-se necessário que seja pensado a formação docente e o educador como um intelectual transformador, repesando e reestruturando suas habilidades e ações durante as atividades delegadas, levando em consideração os diversos

saberes que poderão ser utilizados, como a exemplo de práticas plurais e heterogêneas.

É sabido que as crianças dentre todos os ciclos de vida humana é a mais fácil de alfabetizar, pois, nesta fase consegue-se absorver mais informações, portanto, é nesta fase que o docente deve levar informações aos discentes, incitando a discutir conteúdos pertinentes a sua realidade e ao meio social em que vivem, segundo Ferreiro:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (Ferreiro, 1999, p.23).

Portanto segundo a autora alfabetizar as crianças é uma tarefa possível, isto porque, elas já possuem um conhecimento prévio que adquiriram no seu cotidiano familiar e social, o que precisa ser compreendido é como esta criança interage com a língua e a escrita, para a partir daí explorar suas capacidades intelectuais, facilitando o ensino aprendizagem, pois, como ressalta Ferreiro: “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (2001, p.31). Neste sentido, nenhum docente deve tornar-se refém de suas próprias convicções. Evidencia-se, portanto, que “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (Ferreiro, 2001, p.61).

2.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR

Segundo Brito (2006), as práticas de ensino de acordo com as diversas formas de analisa-las e as reflexões acerca destas devem ser pautadas por meio de reflexões críticas e principalmente da valorização de trabalhos baseados na coletividade, aonde envolvem principalmente os atores do processo ensino aprendizagem (professor/aluno). Salienta-se também que para que haja a especificidade da prática docente é imprescindível destacar que a atividade do professor distingue-se como função social específica e particularizada, cujas

características estabelecem o professor como sujeito social que promove interações culturais, sociais e de saberes.

Ainda segundo a autora Brito (2006), supracitada as discussões no que diz respeito à formação do professor distinguem aspectos fundamentais relativos às necessidades formativas dos docentes, apontando como referência as ações cotidianas realizadas na escola e principalmente as propostas na sala de aula. Ainda neste aspecto é sabido que as discussões contemporâneas sobre essa assunto é consensual o reconhecimento de que a formação inicial não é o único espaço onde os professores aprendem sobre a profissão. Portanto, a formação concebe um momento singular de um extenso aprendizado profissional.

Para Santos (2010), alfabetizar constitui uma tarefa extremamente difícil, exigindo dos alfabetizadores capacitação e formação continuada, requer também, uma ampla discussão e mediação dos conceitos políticos e sociais uma vez que a formação não se limita à aquisição unilateral do domínio dos conteúdos, mas também às dimensões que exigem a dinamização reflexiva numa perspectiva histórica e social.

Corroborando com o autor supracitado, observou-se que as exigências da sociedade atual contemporânea incorporam novas práticas e saberes para o enfoque da educação, isso, implicará na necessidade de buscar novos conhecimentos. Portanto, o surgimento de enfoque e paradigmas é organizado em torno das práticas pedagógicas, levando em consideração a relação entre as agências formadoras e as escolas, e devem representar a continuidade da formação para os docentes. Com isso, é preciso compreender que os paradigmas inovadores devem estar correlacionados com a realidade do discente, ainda sobre o olhar dos docentes.

Faz-se necessário salientar que a ampliação sobre os conhecimentos de competência no espaço escolar possibilita ao professor uma relação de autonomia e prática pedagógica, contudo, é por meio dos processos de formação de professores que lançam mão de metodologias, recursos e conhecimentos pedagógicos que promovem ações que integram os diversos saberes, ampliando conhecimentos, buscando oferecer respostas para as situações complexas que se apresentam no cotidiano dos espaços educativos.

De acordo com Richt (2010), a formação contextualizada, como aquela que inclui e valoriza as experiências e dificuldades específicas, enfrentadas no exercício

da docência, de modo que o professor encontre oportunidades para repensar sua prática pedagógica, buscando qualificá-la ou modificá-la. Corroborando o autor, entende-se que as dificuldades enfrentadas pelo docente nas suas práticas diárias de trabalho devem ser respeitadas e repensadas junto a escola devem buscar alternativas para melhorar e ampliar os saberes visando desenvolver um ensino de competência e prazeroso tanto para educador quanto para o educando.

Christa apud Libâneo (2004) ressalta que a educação continuada faz-se necessária pela própria natureza do saber humano como práticas que se transformam constantemente. A realidade muda e os saberes que constituímos sobre ela precisam ser revistos e ampliados sempre. Dessa forma, um programa de educação continuada se faz necessário para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente para analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para direcionar as mudanças esperadas.

Salienta-se também que a prática de alfabetizar depende de uma metodologia complexa que exige do educador uma excelente formação teórica que o habilite para a compreensão de como acontece a construção do conhecimento pela criança e que por meio deste auxilie na aquisição e no desenvolvimento de habilidades que facilitem o êxito no processo de aprender e ser.

Ainda neste contexto, compreendemos que para alfabetizar, o docente necessita conhecer a língua que ensina, sua estrutura e seu funcionamento, pois, através deste conhecimento são capazes de produzir mudanças para aplicar em suas aulas e torná-las mais dinâmicas. Existem inúmeros professores que não têm este conhecimento, mas através de suas experiências conseguem alfabetizar, trazendo principalmente conteúdos de seu cotidiano e do cotidiano do aluno. Portanto, Monteiro (2001) pontua que sendo que essas experiências “são os constituídos no exercício da prática cotidiana da profissão, fundados no trabalho e no conhecimento do meio”.

Sales (2010) afirma que a sociedade precisa perceber o professor alfabetizador como profissional de extrema importância, pois, a partir daí compreendem-se que seu processo de formação exige saberes exclusivos, dada a singularidade de ensinar a ler e a escrever. Portanto, abrangemos, ainda, que esses conhecimentos devem articular-se às múltiplas dimensões do exercício de educar, isso porque o professor alfabetizador amplia sua prática pedagógica baseado em

concepções de ensino, de saber, levando em consideração uma relação dinâmica com os discentes, com a situação de aprendizagem e com o contexto mais amplo.

As atividades práticas realizadas pelo educador são estabelecidas e têm uma intencionalidade às vezes implícita. Contudo, essa intencionalidade poderá manifestar-se na abrangência do processo de alfabetização como processo político, possibilitando não só o conhecimento da leitura e da escrita, como também, as possibilidades de participação expressiva e funcional no mundo da leitura e da escrita. Diante disso, essa formação precisa ser sólida e intencional, atendendo o que preconiza Gimeno Sacristán (1995, p.102):

A competência docente não é tanto uma técnica composta por série de destrezas baseadas em conhecimentos concretos ou na experiência, nem uma simples descoberta pessoal. O professor não é técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos práticos preexistentes. Pensar a formação docente envolve a análise de conhecimentos básicos para o exercício profissional, implica refletir sobre as habilidades necessárias ao professor para o enfrentamento dos vieses que surgem no contexto educativo. Envolve, também, a percepção de seu papel social de educador, dentro de uma sociedade de contradições e de relações de desigualdades.

Diante das afirmações do autor entende-se que a formação exclusiva de cada docente está sendo posta como exigência de um momento histórico-cultural, que deve ser embasada aos novos científicos e pedagógicos, tomando como referência, também, os avanços conceituais na área de alfabetização. Faz-se necessário afirmar que essa técnica de formação tem sido estritamente questionada uma vez que o docente alfabetizador parece não se ater, ainda, aos saberes necessários para conduzir de forma segura e autônoma a sua prática pedagógica.

2.3 ALFABETIZAÇÃO E OS DESAFIOS EM ALFABETIZAR

Alfabetizar no contexto atual tem se tornado um desafio para os docentes, isto porque, ensinar as crianças a ler, escrever e a se expressar de maneira competente é o grande desafio dos professores. Cabe a estes também entender a necessidade de promover discussões que incitem os alunos a construir um conhecimento de natureza conceitual: eles precisam compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a

linguagem. De acordo com Zilberman (1995, p. 27) “A criança é vista como um ser em formação cujo potencial deve se desenvolver a formação em liberdade, orientando no sentido de alcance de total plenitude em sua realização”.

Nesse sentido, o docente tem o desafio de ensinar crianças a ler, escrever e a se expressar de maneira adequada, sendo este o grande desafio dos professores, uma vez que a sociedade atual promoveu novas demandas e necessidades, tornando retrógrados os métodos e conteúdos tradicionais que acabam dificultando o processo de aprendizagem da linguagem.

Alfabetizar não é uma tarefa fácil, demanda tempo, gostar do que faz, pois na escola esse processo ocorre de forma contínua, entendendo que o educador desempenha um papel importante como mediador do processo da aquisição da leitura e da escrita, e isso deve ser realizado pautado em intervenções pedagógicas coerentes, visto que o conhecimento é resultado dos mais amplos sentidos e significados e são compartilhados coletivamente, sendo produzido lentamente. Portanto, Lemle aponta que:

É claro que, além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem. Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé em sua capacidade de tornar este mundo melhor (LEMLE, 1988, p.6).

Neste prisma, vimos que os educadores precisam ter o conhecimento para que consigam desempenhar um ensino prazeroso e de qualidade, fazendo com que o aluno possa ampliar seus conhecimentos, sentir prazer em aprender e acima de tudo o alfabetizador deve pensar sempre a favor de uma educação qualitativa e igualitária, que ofereça oportunidades para o educando avançar rumo a conhecimentos significativos, que insira o aluno na cultura centrada na escrita, e que jamais possa motivar a exclusão de seus discentes. Diante desses fatos percebe-se que cada dia mais os educadores encontram-se apreensivos diante de tamanha responsabilidade no cenário educacional.

Para Machado (2014) os desafios em alfabetizar tornaram-se um problema que incomoda a todos e envolvem pais, docentes, alunos, escola e o governo é importante ressaltar que este junto a escola tem papel de subsidiar os professores oferecendo-lhes recursos didáticos, capacitando-os, estimulando estes a

desempenhar suas atribuições de forma prazerosa, possibilitar garantias de uma educação de qualidade e satisfatória sendo que todos envolvidos possam por direito ter uma educação inicial de qualidade (MACHADO, 2014).

2.4 LETRAMENTO CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Definir letramento tem sido algo difícil, pois, trata-se de um conceito amplo e complexo em que diversos autores vêm dialogando sobre este tema. Neste sentido de acordo com Soares (2009, p. 65), as “[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição”. Já Mortatti afirma que “[...] até por ser uma palavra recente, nem sempre são idênticos os significados que lhe vêm sendo atribuídos [...], assim como os objetivos com que é utilizada (a palavra letramento) (2004, p. 11, grifo nosso)”. Diante disso, apontaremos abaixo algumas definições utilizadas por autores para conceituar letramento:

Portanto, segundo Tfouni (2010), é imprescindível que não haja diminuição do seu significado em relação ao significado de alfabetização e também do ensino fundamental. A autora pontua letramento como um processo mais amplo que a alfabetização, neste aspecto, deve ser entendida como um processo sócio histórico. Tfouni (2010, p. 23) relaciona, assim, letramento com o desenvolvimento das sociedades. Nesta perspectiva, a autora explana que:

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo.

Ainda segundo a autora, letramento seria, portanto, causa e consequência do desenvolvimento da sociedade. Deste modo, a mesma autora confere que o termo letramento extrapola a escola e o processo de alfabetização, referindo-se a técnicas

sociais mais amplo. Assim, “O letramento [...] focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo” (TFOUNI apud MORTATTI, 2010, p. 103).

Para Kleiman (2008), o letramento também é conhecido como um fenômeno mais extenso e que excede os domínios da escola. Neste contexto, Kleiman (2008, p. 18) diz que, “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. O conceito da autora enfatiza os aspectos social e utilitário do letramento.

Na visão de Mortatti (2004, p. 98), o conceito de letramento está diretamente ligado às funções da língua escrita em sociedades letradas. Portanto, a autora aponta que:

Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Enfatizando o posicionamento da autora supracitada, a mesma sinaliza que em sociedades grafocêntricas, a escrita possui uma importância de grande magnitude, isto porque, tudo se organiza diante dela. Fortalecendo esta premissa, o letramento estaria relacionado aos usos da escrita nessa sociedade grafocêntrica. Ressalta-se também que ele influenciaria a relação, não somente dos sujeitos com a sociedade, mas também, com outros sujeitos.

Soares (2009), apesar de mencionar que o significado de letramento ainda é muito complexo, pois, acredita que está voltado a vários conceitos, mas mesmo assim expressa uma definição para o termo. Assim, Soares (2009) ressalta que letramento pode ser definido como resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Então, conclui-se que letramento está ligado aos usos, às práticas de leitura e de escrita. Neste aspecto, é notório que o indivíduo ou grupo é

considerado letrado quando desenvolve as habilidades não somente de ler e de escrever, mas sim, de utilizar leitura e escrita na sociedade, somente alfabetizar não garante a formação de sujeitos letrados, conforme apontado por Soares (2009).

2.5 LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

A alfabetização e o letramento se vincularam enquanto conceitos a partir da década de 90, a partir daí vários estudos foram realizados sobre essa relação, nesse contexto vale ressaltar que os conceitos de alfabetização e letramento, conforme Soares aponta que:

alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES, 2003, p. 90).

Ainda na ótica da autora, a especificidade da alfabetização alude a aproximação da escrita, alfabeto e ortografia, que aponta para diversos conhecimentos e reflexões do indivíduo sobre a língua. Diante disso faz-se necessário afirmar que com o início do letramento no Brasil inúmeras foram as contradições e as interpretações. Magda Soares no ano de (2003; 2004) pontuou que uma das grandes preocupações voltadas ao letramento é em relação a perda da especificidade da alfabetização em detrimento do surgimento das práticas de letramento. Diante disso, cabe destacar que antes do letramento a alfabetização possuía uma imensa importância dando ênfase nessa especificidade da alfabetização, aonde a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens na área da leitura e da escrita eram exclusivamente explorados (SOARES, 2004).

Nota-se também que as controversas apontam que ao invés de enfraquecer a excessiva especificidade da alfabetização, ocorreu um desaparecimento de métodos que as cultivavam, mesmo que tão necessárias para a apropriação do sistema de

escrita, obtendo espaço para as práticas de letramento. E com isto, a prática do letramento sobressaiu em relação a alfabetização e esta, por sua vez, acabou por perder sua especificidade.

No aspecto social, o letramento é compreendido não somente como um atributo pessoal, mas como uma prática social que está pautada no contexto histórico e social dos indivíduos, valorizando principalmente a leitura e a escrita voltadas ao ambiente em que as pessoas vivem. Portanto, Soares (2004), traz que na dimensão social do letramento, encontramos interpretações conflitantes sobre as quais ele pode ser compreendido. Então, a autora evidencia que existem duas versões, ou seja, a versão fraca ou liberal e a versão forte ou revolucionária.

Diante do exposto o autor supracitado explicita-se que a versão fraca compreende as habilidades e conhecimentos que os indivíduos adquirem como necessários para funcionarem adequadamente em determinado contexto social. Já na versão forte, Soares (2003) aborda que as capacidades de leitura e escrita não são vistas como neutras, mas como um conjunto de práticas socialmente desenvolvidas que levam o indivíduo a reforçar ou questionar valores, tradições, padrões de poder presentes na sociedade.

Maciel e Lúcio (2008, p. 31) afirma que conduzir o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, mais do que uma decisão individual é uma opção política [...] Neste sentido os autores propõem que as políticas que valorize o letramento devem ser valorizadas, conduzindo desta forma propostas que aproximem a realidade do letramento com as propostas pedagógicas da alfabetização, entendendo que atualmente não é necessário dar aos indivíduos acesso ao sistema linguístico, de modo que eles possam decifrar as palavras, é preciso ir além: letrar, ou seja, interagir com propostas pedagógicas que considerem os diferentes textos presentes em na sociedade com procedimentos metodológicos definidos e adequados.

Rojo (2009) aponta que a escola é o espaço onde o aluno inicia suas vivências com o mundo da leitura e da escrita, e esta leva em consideração as vivências do cotidiano do discente. Nesta perspectiva, entende-se que um das finalidades principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida, de maneira ética, crítica e democrática.

De acordo com Soares (2010 p. 58), o grau de letramento está essencialmente ligado ao o nível social e econômico da população, portanto, faz-se necessário entender que antes de pensarmos em letramento, especificamente o ambiente escolar tem que criar “condições para o letramento”, visando oferecer uma escolarização autêntica e eficaz para a população, em que todos tenham acesso a materiais de leitura com qualidade, isto porque ao longo dos anos tem se alfabetizado adultos e crianças, mas, as condições para que estes desenvolvem a leitura e a escrita têm sido cada vez mais precárias e muitos outros problemas que não atendam as necessidades da população brasileira.

O letramento não pode ser analisado de forma singular, pois, ao percebê-lo desta forma negamos as inúmeras formas de linguagens com as quais vivemos na sociedade, pois segundo Oliveira:

... são veiculados gêneros diversos que são praticados por diferentes pessoas nas mais diversas atividades sociais, orientadas a partir de propósitos, funções, interesses e necessidades comunicativas específicas, não obstante a compreensão de que alguns textos são considerados canônicos e, por isso, mais legitimados que outros, socialmente. E é exatamente porque se constitui como algo ‘plural’ que vale a pena problematizar, examinando as diversas facetas que o constituem e as razões por que esse fenômeno tem se tornado um verdadeiro ‘campo de batalha’ no domínio pedagógico (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

De acordo com a citação acima, o autor deixa claro a valorização das diversas formas de linguagens devem se basear nas variadas atividades sociais vivenciadas pelo aluno, isto porque, ao explorar o cotidiano do discente facilita na sua compreensão e na aprendizagem da leitura e da escrita, portanto, faz-se necessário explorar os mais variados gêneros para alcançar as diversas formas de linguagens e contextos socioculturais possibilitando ampliar os saberes nos diversos campos de aprendizagem.

O letramento no contexto escolar deve ser responsabilidade de todos os docentes, pois, é bastante comum que os professores julguem que letramento é responsabilidade apenas do professor de língua portuguesa, neste sentido, Soares (2008) ressalta que todos os educadores que desenvolvem atividades de leitura e escrita devem criar ferramentas que desenvolvam no aluno o prazer pela escrita e pela leitura, isto porque, cada área do conhecimento tem suas peculiaridades sendo

próprio dos professores que nela atua devido ao seu conhecimento específico da disciplina.

É importante também salientar que o letramento não está restrito apenas as atividades escolares, porém, estas devem essencialmente possibilitar seus alunos a perceber a importância de realizar atividades que estimulem as práticas sociais que estejam voltadas para leitura e escrita. Portanto, saber ler e escrever as inúmeras palavras não é suficiente para capacitar os discentes, a partir daí é que surge a necessidade de se letrar os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Mas para isso, cabe ao professor estar capacitado, atualizado e disposto para que possa acompanhar o aluno e inclusive no setor educacional (KLEIMAN, 2008).

3. AS IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

As discussões sobre os saberes desenvolvidos pelos docentes em suas práticas têm se intensificado cada vez mais, com isso, os estudos baseados no campo de investigação, escolas e professores, tendo como foco as descrições, explicações e interpretações dos educadores sobre a sua prática pedagógica com a finalidade de evidenciar os fatores que contribuiriam para a constituição de sua identidade e dos seus saberes, também, vem tomando dimensões cada vez maiores.

De acordo com a lei 9.394/96 Art. 65 ressalta ao abordar sobre a formação inicial do profissional docente, que esta lei deve ser destinada à prática de ensino no mínimo 300 horas. Contudo, com a homologação da Resolução CNE/CP 02/2002 (Brasil), voltado a curso de licenciatura a carga horária de formação prática passou para 800, sendo 400 destinadas ao estágio supervisionado, e 400 destinadas à prática como componente curricular vivenciada no período em que estiver no curso. Já para o curso de Pedagogia: Educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental são 3200 horas (parecer CNE/ CP5/2005 e RESOLUÇÃO CNE/CP1/2006) 300 horas em estágio supervisionado diretrizes curriculares do curso de pedagogia. Desta forma, fica evidente que o entendimento no que tange a lei estabelece que a formação prática seja fundamental para as vivências do docente

durante o processo de formação, porém, torna-se notório que a mudança na lei não modifica uma cultura.

Ainda neste contexto, mesmo depois de alguns anos da criação da lei supracitada, ficou evidente que a realidade dos programas de licenciaturas parece estar longe de evidenciar a importância e o lugar da prática nos currículos. Diante disso, as constantes mudanças na educação vêm tomando uma proporção enorme. Pensar em formação inicial do professor, sendo essa oferecida nos cursos de graduação com o objetivo de atender às demandas que a escola apresenta não tem sido possível, portanto, o conhecimento acerca da profissão docente durante as práticas educativas e o desenvolvimento profissional no que diz respeito a formação continuada vem sendo cada vez mais exigido pelos próprios docentes.

De acordo com Sartori (2010) ao sermos considerados sujeitos históricos e estarmos inseridos num universo de constantes transformações, a formação docente deve ser realizada nos mais variados domínios. Portanto, Sartori (2010) aborda que a formação continuada é o período do educador instruir-se sobre novos conceitos, discussões contemporâneas alusivas à educação e, sobretudo, refletir sobre a sua ação docente, (re) pensar sua postura profissional, no sentido de aprimorá-la, ou sustentar práticas já existentes. Neste sentido Sartori (2010, p. 17), afirma que “uma prática pedagógica que se desenvolve a favor da emancipação dos sujeitos se constrói pela reflexão da e sobre a prática educativa escolar”.

Neste contexto, Fávero e Tonieto (2010) refletem sobre três momentos da formação do professor: sua história de vida, formação teórica e prática. Isto implica que o docente antes de atuar profissionalmente, já possui uma formação pessoal, com identidade formada, com intuições, compreensão de mundo, valores, crenças e principalmente com uma história de vida, que com certeza influencia na sua formação profissional e esta não deve ser dissociada das construções e processos de formação docente. De acordo com Fávero e Tonieto (2010, p. 168),

[...] os processos formativos pessoais e os processos formativos profissionais constroem-se mutuamente, pois a formação profissional é também a formação de um sujeito – é a sua inserção em um mundo conceitual e prático -, visto que, ao mesmo tempo que, o prepara para exercer um determinado papel como profissional, prepara-o para uma nova inserção social, um novo contexto de relações, que lhe exigirá novas adesões, ações, opções e reflexões.

É importante salientar, segundo Sartori (2011) que a formação teórica do professor que geralmente é ofertada por instituições particulares e governamentais tem como estratégia a construção do conhecimento do docente, a formação continuada e principalmente a contribuição para o professor alfabetizador. Já a formação prática do professor acontece também em seu dia a dia, nas suas ações pedagógicas, pois, no cotidiano escolar, ocorrem inúmeras aprendizagens, descobertas do novo, diálogos e trocas com outros profissionais e alunos, o que configura uma forma de aprendizagem do docente em prática.

Ainda de acordo ao autor supracitado, o docente ao terminar a formação inicial, precisa estar sempre realizando o processo de formação continuada em uma perspectiva de permanência, para desta forma, realizar uma articulação entre a teoria e a prática, visando desconstruir conceitos, diálogos e, posteriormente, exercitando, conectando a aprendizagem ao trabalho pedagógico, realizando efetivamente a práxis pedagógica.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise dos dados coletados, após a realização de entrevista realizada com professores entrevistados sobre a temática das implicações da formação inicial diante da prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida – Bahia.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 03 professores que atuam na docência no ensino fundamental I entre 05 a 25 anos de serviço, sendo todos de escolas da rede municipal de ensino.

A entrevista realizada com os participantes foi composta por 10 questões semiestruturadas, sendo as mesmas subjetivas com espaço reservado para explanação das reflexões dos professores.

A análise dos questionamentos de cada entrevistado foi feita simultaneamente, objetivando-se obter melhor harmonia entre as falas destes e a constatação dos dados que aqui serão apresentados, sendo feito também uma análise mais minuciosa, crítica e eficaz, capaz de manter a ligação, paralelo e/ou distanciamento entre os entrevistados.

PARTICIPANTES	FORMAÇÃO	PERÍODO QUE LECIONA
PROFESSOR 01	ENSINO MÉDIO COMPLETO; ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	22 ANOS
PROFESSOR 02	ENSINO MÉDIO COMPLETO; MAGISTÉRIO COMPLETO; ENSINO SUPERIOR COMPLETO. (PEDAGIGA)	20 ANOS
PROFESSOR 03	ENSINO SUPERIOR COMPLETO (PEDAGOGIA)	08 ANOS
PROFESSOR 04	MAGISTÉRIO COMPLETO; ENSINO SUPERIOR COMPLETO. (PEDAGOGIA)	08 ANOS

Fonte: Elaboração própria

4.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A sociedade vem atravessando momento de crise econômica, social cultural e educacional. Neste sentido, torna-se relevante e cabível discutirmos sobre a formação docente, principalmente voltada aos profissionais que atuam nas séries iniciais, pois, alfabetizar tem sido uma árdua tarefa para os professores, visto que, nesta fase da vida a criança não domina as habilidades de leitura e da escrita, podendo apropriar-se de conhecimentos que lhe, permitirão compreender a linguagem escrita do contexto sociocultural no qual está inserida.

O Ministério da Educação, baseado no campo das políticas curriculares que estão voltadas à formação continuada de docentes alfabetizadores, criou dois importantes programas de abrangência nacional: O PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Brasil, 2001) e o Pró-letramento (Brasil,

2008). Segundo Silva (2015), O PROFA é um programa desenvolvido anualmente e apresenta uma carga horária de atividades específicas, em que uma parte do trabalho deve ser realizado em grupo de estudo e a outra parte para os estudos e elaborações individuais. Ainda neste contexto, estes programas foram idealizados a partir das diretrizes estabelecidas no Plano Nacional de Educação (2001-2011), sendo estes voltados à formação de educadores e valorização do magistério, no entanto, tornou-se imprescindível que a qualificação dos professores fosse prioritária, sendo que essa viesse a ser uma condição para a melhoria da qualidade da educação, desde que associada às condições de trabalho, salário e carreira.

Ainda neste contexto, o pró-letramento que em 2005 foi criado pelo MEC com objetivos e estrutura semelhantes ao PROFA, estabelece parceria com as Universidades da Rede Nacional de Formação Continuada e os Sistemas de Ensino (...). Vale salientar que os docentes no exercício referente aos anos iniciais do Ensino Fundamental e que estão inseridos na escola pública, principalmente na área da alfabetização / linguagem e matemática foram os que tiveram oportunidades de participar deste programa, o mesmo tem um formato semipresencial, isto porque facilita mais a vida do docente, principalmente no que tange a disponibilidade de tempo, pensando principalmente inserir a maioria destes.

Sorares (2003) aponta que existem diferenças fundamentais entre os programas supracitados. Dentre essas podemos destacar que em relação à formação continuada ambos possuem sentidos diferentes, ou seja, o PROFA destaca com maior ênfase o processo de alfabetização, como aquisição do sistema de escrita alfabética, desdobrou seu foco entre a formação do professor alfabetizador e a formação dos seus formadores, já o Pró-Letramento enfatizou a importância dos procedimentos de alfabetização e letramento serem desenvolvidos respectivamente, acrescentando alguns conceitos desenvolvidos pelo processo fônico e manteve seu foco na formação do professor alfabetizador.

Neste contexto, foi observado que o PROFA (2001) aponta que a necessidade da formação continuada é dada a partir dos seguintes pressupostos expressos na apresentação do guia do formador do Programa de Formação do Professor Alfabetizador:

A despeito de todos os esforços, medidas e mudanças propostas, fato é que contamos ainda, no Brasil, com um elevado índice de fracasso escolar, principalmente na aprendizagem da leitura e escrita. [...] Entre as principais

causas disso, destacam-se duas: a formação inadequada dos professores e seus formadores e a falta de referências de qualidade para o planejamento de propostas pedagógicas que atendam às necessidades de aprendizagem dos alunos – situações didáticas e materiais adequados (PROFA, 2001, p. 1).

Ainda neste sentido, ficou evidente que os programas têm sido criados visando diminuir os entraves no que diz respeito ao fracasso escolar, porém, é notório que grande parte dos docentes ainda não buscam por uma especialização ou formação continuada, pois, muitos acreditam que só a formação pedagógica é suficiente para o sucesso da aprendizagem dos discentes. Os colaboradores da pesquisa ao serem questionados sobre sua formação, obteve-se como resposta que 02 possuíam no início de suas atividades o Magistério completo e buscaram ingressar na Faculdade para obter o nível superior em Pedagogia, 01 ainda está cursando o nível superior e o outro possui apenas o nível superior em Pedagogia.

Neste prisma, vimos que houve ao longo dos anos o interesse por parte destes profissionais em estar inseridos em cursos de graduação que possibilitaram ampliar os conhecimentos e melhorar a qualidade de ensino, mesmo ciente de que apenas o curso de Pedagogia não bastasse para desenvolver um ensino de excelência nota-se o desejo de ampliar seus conhecimentos.

Ao serem questionados se a formação inicial implica na prática docente, os entrevistados responderam que:

Não, pois a minha formação está dentro do conceito magistério e pedagogia (PROFESSOR 1).

Sim, no atual contexto do processo de ensino é indispensável uma formação para melhorar a prática pedagógica, atuar com eficiência sempre enfatizando a busca de uma base de conhecimento mais consolidado (PROFESSOR 2).

Sim. Essa formação inicial contribui muito em sala de aula no que diz respeito ao planejamento das atividades, das avaliações, enfim em todo processo pedagógico (PROFESSOR 3).

Não. É fundamental porque amplia meus conhecimentos em sala de aula, contribuindo no meu dia a dia (PROFESSOR 4).

Considerando as respostas dos docentes apresentadas na citação acima, observou-se que 02 professores não veem a formação inicial como fator importante para suas atividades pedagógicas, ou seja, a primeira mencionou que por ter feito magistério e pedagogia já possui bagagem suficiente para realizar suas atividades

docentes. A segunda apresentou a resposta de maneira contraditória, pois, ela diz que a formação inicial não implica em sua prática pedagógica e ao mesmo tempo acredita que esta formação amplia o conhecimento e melhora as práticas de atividades cotidianas.

Os outros 02 professores citaram que a formação inicial é fundamental para melhorar as práticas pedagógicas e que através desta o docente desenvolve suas atividades com êxito, principalmente no que tange ao planejamento, melhorando o desempenho do discente e do docente.

Portanto vale salientar que a formação inicial possibilita ao docente ampliação no que diz respeito ao conhecimento teórico/prático melhorando o desempenho do professor e ao mesmo tempo fortalecendo a aprendizagem do aluno. Ainda neste contexto, Pimenta (2008) ressalta que se faz necessário por parte do professor produzir novos conhecimentos e imprimir significativas transformações necessárias ao ser e estar professor. Foi questionado aos docentes se a falta de formação inicial, tanto do Magistério, quanto a Pedagogia, implica diante a prática pedagógica de alfabetização? Os mesmos apontaram que:

Sim. Pois a formação inicial no contexto educacional é muito indispensável para a prática pedagógica em todas as esferas educacionais, para o professor tanto dos anos iniciais, quanto o fundamental. Pois a formação pedagógica são saberes necessários para a atuação docente, buscando a melhoria da sua prática (PROFESSOR, 01).

Sim. O professor precisa ter preparação para produzir um ensino mais adequado e ser conhecedor de como ocorre o processo de alfabetização (PROFESSOR, 02).

Sim. Pois a formação inicial configura um processo fundamental para o professor contribuindo assim em sua prática pedagógica (PROFESSOR, 03).

Sim. Pois a formação continuada configura com um processo fundamental para o professor contribuindo para o seu crescimento pessoal e auxiliando na sua prática pedagógica (PROFESSOR, 04).

De acordo com a fala dos docentes, a formação inicial contribui para o avanço das práticas pedagógicas, sendo indispensável para qualquer fase da educação, mas, tem um enfoque maior nas séries iniciais que é base para que o discente descubra a leitura, a escrita e a interpretação.

Marcelo (1998), Contreras (2002) e Linhares (2001) afirmam que a essencial e adequada formação do educador consiste em buscar conhecimento sobre a profissão docente na formação inicial, isto porque, neste período o docente amplia seus conhecimentos, adquirindo suporte teórico e metodológico necessário ao exercício da profissão docente, possibilitando melhorar suas destrezas e capacidades ao atuar em suas práticas pedagógicas.

4.3 METODOLOGIAS PARA A ATUAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A metodologia adotada pelo docente é um importante instrumento para dinamizar e estimular as aulas. Portanto, abordar sobre a mesma nas séries iniciais torna-se necessário para entender a abordagem teórica/prática que são trabalhadas em sala de aula. Vale apontar que cada método surgiu para atender às expectativas educacionais de cada época, deste modo, ao estudarmos esses métodos deve-se levar em conta o contexto histórico em que eles aconteceram, bem como, a perspectiva que deve atender. Portanto, fez-se necessário investigar se os docentes conhecem os métodos de alfabetização. Dois deles responderam que conhecem apenas o construtivismo, os outros dois sinalizaram que conheciam os métodos sintético, analítico e construtivista.

Vale salientar a importância do professor conhecer métodos de alfabetização, pois, retomar as discussões permite pensar a própria escolarização dos conteúdos, portanto, é de suma importância sinalizar sobre estes. Nesta perspectiva, o método sintético, segundo (Ferreiro; Teberosky, 1985) desenvolve suas atividades privilegiando o sentido do ouvido na relação com os sinais gráficos e neles eram comuns os exercícios de leitura em voz alta e o ditado. Já o analítico, ressurgiu com a proposta de romper radicalmente com o princípio da decifração, ou seja, este defende a seriedade do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil.

Por fim, o método construtivista que traz em suas propostas pedagógicas trabalha na sala de aula práticas que levam em conta o nível intelectual dos discentes Lagos (1995). Ainda neste sentido, perguntou-se: qual desses métodos você utiliza em sala de aula? E se estes são eficazes no processo de alfabetização no seu dia a dia em sala de aula? Diante deste questionamento, obteve-se como resposta:

Método Construtivista. Sim, com um conteúdo você pode trabalhar todas as matérias e o aluno conduz seus conhecimentos, facilitando os avanços e correções das dificuldades pelo professor (PROFESSOR 1).

Método Construtivista. Sim, esse método estimula o senso crítico da criança. O professor serve de mediador entre o aluno e o conhecimento (PROFESSOR 2).

Métodos sintético, analítico e construtivista. É importante utilizar diversos mecanismos para que nossos objetivos sejam alcançados. Utilizar todos dependendo do contexto (em) que será melhor para a aprendizagem (PROFESSOR 3).

Métodos sintético, analítico e construtivista. Sim, principalmente o método construtivista, é um dos mais indicados, mais usado na sala de aula, pois permite que o conhecimento que a criança traga para a escola, fazendo a união da língua falada da escrita (PROFESSOR 4).

Baseado nas falas dos entrevistados, analisa-se que as docentes que trabalham no método construtivista demonstrando conhecer e tentando executar este método, além de acreditar que por meio deste o aluno torna-se um ser crítico/reflexivo capaz de ler, interpretar e contextualizar seus conhecimentos, e com isso, produzem através de suas vivências e do que aprenderam na sala de aula. Assim, os professores entendem que seus métodos não os tornam o detentor do conhecimento compreendendo que o aluno faz parte da construção dos saberes.

Os docentes 03 e 04 se contradizem em relação aos métodos utilizados e suas práticas pedagógicas, isto porque, foi feita a observação em sala de aula e notou-se que um dos métodos adotado por esses ainda é tradicional, pois a sala de aula é organizada em filas, ficou notório também que as mesmas trabalham com métodos silábico e fônico. Assim, conclui-se que os métodos desenvolvidos pelas docentes são analíticos e sintéticos.

4.4 O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

A leitura e a escrita são fundamentais para que o aluno possa evoluir no campo do saber, além de ser de extrema importância para todas as matérias. Diante disso segundo Ferreira (1996) “a aprendizagem se realiza na construção da própria criança sobre o objeto a ser conhecido, neste caso, a escrita”. Portanto a aprendizagem incide na interação do sujeito com o objeto do conhecimento que se trata da língua escrita.

A escrita há tempos atrás não era reproduzida baseada na realidade e vivências dos alunos, fazendo com que os mesmos reinventassem através de movimentos de construção própria. Ferreiro (1996) ressalta que esse sistema era baseado a partir de regras, deste modo, analisa-se que a escrita é uma representação da linguagem e não um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. Portanto, ao analisar os aspectos intrínsecos das crianças, Ferreiro e Teberosky (1985) apontam que não evoluem no que tange a maneira como a criança reorganiza para si as suas vivências no ambiente social. Partindo desse pressuposto os autores supracitados levam em consideração que ambiente social a fonte de informação fundamental é a escrita, levando em consideração a participação do outro e das afinidades tecidas entre os envolvidos no aprender.

Vale salientar que ao desenvolver propostas pedagógicas com orientações coesas e claras para as séries iniciais, a escola garante que os alunos aprendam, pois, é através de excelentes propostas pedagógicas que se têm objetivos bem definidos, que se define tipo de atividade que precisa ser realizada na sala de aula e na escola, como será a avaliação. Neste sentido, questionou-se aos professores Como é feito o planejamento na escola em que você ensina? Todos responderam que é feito um planejamento mensal.

Neste sentido é importante ressaltar que o planejamento não deve ser apenas utilizado como forma de trabalhar os conteúdos e elaborar as aulas, deve ser estruturado pensando no indivíduo enquanto sujeito social que precisa ser respeitado e analisado em seu processo de formação humana. Vasconcellos (1999) salienta que o professor necessita planejar, refletir sobre sua ação, pensar sobre o que faz, antes, durante e depois, pois, cabe ao docente refletir didaticamente sobre sua prática, pensar no cotidiano sobre o saber fazer em sala de aula, para não escorregar na mesmice metodológica de utilização dos mesmos recursos e das invariáveis técnicas de ensino.

Ao observar as práticas de atividades diárias realizadas com os alfabetizadores, notou-se que o plano de aula aplicado em suas aulas era o plano mensal, neste sentido, percebeu-se que estes aplicavam suas aulas baseado na construção deste planejamento, mas, que em algumas vezes ficavam perdidos em relação a aplicabilidade dos conteúdos, porém, os docentes ressaltaram que esta forma de planejar era de uma eficácia e que atendia as necessidades do professor e dos alunos.

Questionou-se se o método utilizado é eficaz? Mesmo sendo flexível, como nota-se os resultados na prática pedagógica? Os docentes responderam:

Sim. Além do planejamento mensal, se planeja quinzenalmente para rever os resultados obtidos, os conteúdos estudados, os pontos positivos e negativos. Logo, o planejamento consiste em uma importante tarefa ou processo de estudar objetivos, trocar metas e identificar diagnóstico (PROFESSOR 01).

Toda ação pedagógica nasce de um desejo de criar, interagir, trocar e inovar. O planejamento de ensino propicia condições para os alunos contribuírem conhecimento, sobre os conteúdos e valores a serem explorados de maneira significativa (PROFESSOR 02).

Nenhum método é 100% eficaz, mas a medida da necessidade das crianças adequa-se o planejamento em benefício de uma aprendizagem mais significativa (PROFESSOR 03).

Sim. Porque permite que as próprias crianças contribuam seus conhecimentos de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. E tenho consciência de que planejamento é flexível (PROFESSOR 04).

Neste aspecto, os docentes afirmaram que a forma como planejam contribuem para o conhecimento do aluno, melhora no desempenho das atividades. Vale salientar que o professor 03 disse que por melhor que seja um planejamento nenhum destes é totalmente eficaz, sempre deixa algumas arestas que precisam ser repensadas e preenchidas, portanto, a forma de planejar não pode ser engessada, tendo espaço para mudanças e transformações que se adequem a realidade dos docentes. Pois como aborda Vasconcellos (2000) o planejamento tem como objetivo fazer algo acontecer, se concretizar e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo.

Neste aspecto o planejamento tem função de construção e transformação que deve utilizar da metodologia para desenvolver as ações que permitam aos professores instigar nos alunos o desejo de fomentar a aprendizagem, além de promover conhecimento que se tenha do aspecto da realidade em que se está agindo, de sua inserção no conjunto, tendo em mente a importância de uma metodologia que direciona o processo educativo.

Vale salientar que planejar é ser autor do conhecimento, pensamento, história e destino dos alunos e professores. Para isso buscou-se saber que implicações podem ocorrer no processo ensino/aprendizagem da leitura/escrita, na falta desse planejamento?

O planejamento é o remédio da aprendizagem, sem ele não tem como o professor diagnosticar os avanços e as carências dos seus alunos (PROFESSOR 01).

A ausência do planejamento pode ter consequência no avanço do processo ensino/aprendizagem, pois irá tornar as aulas monótonas, desencadeando o desinteresse dos alunos pelos conteúdos (PROFESSOR 02).

O planejamento é compromisso com uma aprendizagem significativa. A falta deste na aprendizagem da leitura/escrita será impossível a criança ingressar nessas práticas sociais com vontade de aprender (PROFESSOR 03).

O planejamento é compromisso com uma aprendizagem significativa. A falta deste na aprendizagem da leitura/escrita práticas será impossível para alcançarmos o nosso objetivo (PROFESSOR 04).

Corroborando a fala dos entrevistados, ficou explícito que a ausência do planejamento implica de forma negativa na aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos. Os professores deixaram também claro que sem planejar é impossível alcançar os objetivos propostos, tornando as aulas insignificantes e desestimuladoras, isto porque, de acordo com Libâneo (1994, p. 222), o planejamento tem grande importância por tratar-se de: “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Outra importante ferramenta que o professor utiliza nas suas práticas docentes é a avaliação que, segundo os PCNs (1997), não se restringe ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuação que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno.

Nesta perspectiva, investigou-se qual a melhor forma de avaliar os alunos durante esse processo de ensino/aprendizagem da leitura/escrita, baseado no planejamento feito e aplicado? Obteve-se como resposta:

Verificando suas dificuldades na leitura e escrita, vendo que eles conhecem sobre as atividades propostas, pois é necessário construir atividades de interação relacionadas à leitura/escrita (PROFESSOR, 01).

Dar possibilidades para os alunos no decorrer do ano letivo, para que eles desenvolvam suas competências de acordo com suas habilidades. É importante avaliar a aprendizagem em um processo contínuo valorizando as tentativas dos discentes (PROFESSOR, 02).

A avaliação é constante, tomando por base a participação da criança, mobilizando para que eles adquiram habilidades para resolver, interpretar os conhecimentos abordados em seu cotidiano (PROFESSOR, 03).

Não existe a melhor forma de se avaliar, é importante que se avalie a todo instante (PROFESSOR, 04).

Segundo os professores 01,02 e 03 ao elaborar o sistema de avaliação deve-se primeiramente pensar no aluno, nas suas habilidades, dificuldades e levar em conta os conhecimentos relacionados ao seu cotidiano. O professor 04 apontou que a avaliação deve ser analisada de uma forma ampla e nos mais diversos momentos do aluno no seu contexto escolar, possibilitando explorar sua capacidade. Ainda neste contexto Belloni (2003) destaca que a avaliação está inserida num processo sistemático de análise de uma atividade, acontecimentos que permite incluírem-se, de forma contextualizada, todas as suas grandezas e resultados, com vistas a estimular seu aperfeiçoamento.

De acordo com Hoffmann (1998), a avaliação deve ter por finalidade principal o auxílio ao aluno, concebendo-o como responsável e participante do processo educativo, no sentido de favorecer-lhe a tomada de consciência sobre suas conquistas e dificuldades e de apontar-lhes alternativas possíveis de evolução na disciplina e na vida profissional. Essa prática perde o sentido se exercida através de posturas negativas e de desconfiança em relação ao estudante. É importante analisar a avaliação como processo multidimensional, portanto, devendo ser considerada em diversos planos, o que implica na utilização de várias estratégias avaliativas e na valorização de múltiplas inteligências e estilos cognitivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entender que a alfabetização é uma etapa importante e necessária para o aluno e que não pode ser confundida com as demais séries do ensino fundamental I, fez-se necessária a pesquisa sobre as implicações da formação inicial do professor alfabetizador diante da prática de alfabetização no município de Conceição do Almeida Bahia, que teve como objetivo compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os educandos no processo de alfabetização.

A escolha desse tema teve como interesse analisar os problemas, que podem vir ou não implicar no processo de aprendizagem de leitura e da escrita. O estudo foi fundamentado em Emilia Ferreiro (2001), Vasconcellos (1999), Oliveira (2010), LDBEN (1996), Machado (2014), entre outros, onde foi realizada uma pesquisa de campo com as professoras do primeiro ano do ensino fundamental I das escolas municipais de Conceição do Almeida.

Diante das falas dos docentes notou-se que a formação inicial do professor alfabetizador não implica em suas práticas pedagógicas, de maneira em que as metodologias utilizadas em sala de aula são participativas e construtivas, mesmo sendo em alguns dos casos de forma analítica e sintética. Ao abordar quanto ao período de trabalho nas turmas de primeiro ano do fundamental I e sua formação inicial pode-se perceber que o tempo de trabalho contribui para a atuação do professor, sendo que fazer uma formação continuada influencia no fazer pedagógico, pois o professor como pesquisador vai buscar novos métodos para sua atuação em sala de aula.

Nesse prisma, nota-se que a falta da formação inicial de algumas professoras, junto ao número de alunos em sala de aula e suas diferenças de idade dentro das mesmas, tornam-se fatores que podem vir a atrapalhar no fazer pedagógico no ato do ensino aprendizagem, pois o professor mesmo tendo a formação acadêmica, e o conhecimento metodológico e teórico tem dificuldades no seu dia a dia escolar. Percebe-se ainda que, mesmo sendo na maioria das vezes um ensino tradicional, em alguns momentos foram observadas a metodologia construtivista, na busca do conhecimento próprio do aluno e a socialização dos mesmos na construção do conhecimento.

Assim, o professor do Ensino Fundamental I poderá planejar suas aulas direcionadas ao aluno e às várias facetas da educação e o que há por trás dela, servindo de eixo entre o que é visto na teoria podendo ampliar na prática, tornando assim, em momentos decisivos para a formação do professor, pois ele tem em mãos uma responsabilidade de aguçar nas crianças o senso crítico e reflexivo, capazes de ler, escrever e interpretar tudo que as cerca no seu contexto atual.

Analisa-se que, embora nem todas as professoras entrevistadas possuam a formação acadêmica, há momentos em que as mesmas atuam de maneira mais prática e construtiva com a participação em grupo, utilizando o lúdico como ferramentas para praticas pedagógicas e real, obtendo resultados de seus objetivos e observando por meio de avaliações o resultado do processo de aprendizagem da leitura e escrita. Porém, as professoras que possuem a formação acadêmica completa, atuam de forma mais mecânica, com métodos tradicionais, mas pelo que foi observado alcança também respostas para seus objetivos e resultados em suas avaliações.

Vale salientar que a falta de uma formação continuada, não falando das dispostas pelo governo, mas sim as que auxiliam os professores que atuam no primeiro ano do ensino fundamental, podem vir a fazer falta no dia a dia na sala de aula, pois o professor tem que ser um constante pesquisador, assim o fazer pedagógico torna-se mais eficaz na sua prática pedagógica.

Enfim, o docente necessita compreender o processo da alfabetização e letramento bem como aplicá-los em sala de aula, utilizando ferramentas que explorem melhor a capacidade de interação, produção e contextualização dos discentes, bem como, explorar as experiências vividas durante toda a construção do trabalho, aplicar os métodos de avaliação, planejamento, além de buscar capacitação profissional, visando adquirir novas experiências, novos olhares e novas práticas quando se trata do ato de ensinar a ler e a escrever.

REFERÊNCIAS

ALVES, BRUNA PEREIRA. **As distintas concepções acerca dos conceitos de alfabetização.** *Revista Urutágua* – revista acadêmica multidisciplinar – Nº 17 – dez.2008/jan./fev./mar. 2009 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil – ISSN 1519-6178.

BELLONI, Izaura. **Avaliação institucional: um instrumento de democratização da ...** Disponível em: Acesso em: 14/set/2015.

BRASIL. **A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, 1996.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.** Parecer CNE/CP nº 09/2001. Diário Oficial da União de 18/01/ 2002, Seção 1, p.31. Disponível em: file:///C:/Users/antonio/Downloads/8eixo%20(1).pdf. Acesso em Outubro de 2015.

_____. MEC/SEF. **PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, Guia do Formador**, mod. I, Brasília: MEC/ SEF, 2001.

_____. MEC/SEB, **Pró-Letramento, Guia Geral**, Brasília: MEC/SEB, 2008.

BORGES, M. C. F. **O professor da Educação Básica e seus saberes profissionais.** Araraquara: JM Editora, 2004.

BRITO, A. E. **Formação do Docente Alfabetizador: revelando as exigências e os desafios.** – UFPI.
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt2/GT2_2006_08.PDF. Acesso em:24/09/15.

CARDOSO, Rosinete Costa Fernandes. BOLLMANN, Maria da Graça Nóbrega. **Artigo apresentado à disciplina** Maria da Graça Nóbrega Bollmann. Brasília, 2012.

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (orgs) **Alfabetização e letramento na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2008.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002.

FÁVERO, Altair A.; TONIETO, Carina. **Educar o educador: reflexões sobre a formação docente.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

_____, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

_____, Emilia. **Cultura, escrita e educação**: Conversas de Emília Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 104

_____, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cad. Pesquisa., São Paulo, n. 52, p. 1-17, fev. 1985.

FIGUEIREDO, F.; MICARELLO, H.; BARBOSA, S. N. **Autonomia de professores da Profissionais da Educação Infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005. p. 156-17.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____, P. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

_____, P. **1921 – A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 34 ed. São Paulo: Cortez, 1997. – (Coleção questões de nossa época; v.13).

FURGHESTTI, Mara Luciane da Silva; GRECO Maria Terêsa Cabral Greco.

GAUTHIER, C. TARDIF M. e MELLOUK, M. **Le savoirs des enseignants: unité et diversité**. Que savent-ils? Quebec: Éditions Logique, 1993.

GADOTTI, Moacir. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO Como negar nossa história**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_0721f167b554939018b948ecd8443cdf.pdf. Acesso em: 10/10/2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p.184.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p.197.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

LAGOS, Ana. **Afinal, o que é alfabetizar?** Nova Escola, [S.l]: Ago. 1995. p. 12-17.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 2ª Ed. São Paulo. Ática. 1988. Série Princípios.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, José Carlos. **Didática.** São Paulo. Editora Cortez. 1994

LINHARES, C. **Os professores e a reinvenção da escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, Tiago Ribeiro. **OS Desafios do Professor Alfabetizador.** Professora do I Ciclo 1ª FASE da Escola Estadual Treze de Maio em Porto Esperidião-MT pós graduando do curso Alfabetização e letramento do Instituto UCAM/PROMINAS. 2014.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática.** In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia, MACIEL, Francisca e MARTINS, Raquel (orgs.) Alfabetização e letramento na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2008. p. 31.

MARCELO, C. **Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender e ensinar.** Revista Brasileira de Educação. n.9, set a dez, 1998.

MONTEIRO, A. M. F. da C. **Professores: entre saberes e práticas.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril, 2001.

MORTATTI, M. do R. L.. **Educação e Letramento.** São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Secretaria de Ed. Fundamental. Brasília. MEC/SEF. 1997, p. 136.

RIGHT, A.; MALTEMPI, M. V. **A Formação Profissional Docente e as Mídias Informáticas: Reflexões e Perspectivas.** Boletim do GEPEM, n. 47. p. 73-90, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, S. G. **SABERES DA PRÁTICA NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR: análise de sua produção nos cursos de licenciatura da UEMA.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010.

SARTORI, Jerônimo. **Formação do Professor em Serviço: Prática Pedagógica Ressignificada.** In: LOPES, Anemari Roesler Luersen Vieira; TREVISOL, Maria Teresa Ceron; PEREIRA, Patrícia Sandalo (orgs). **Formação de Professores em diferentes espaços e contextos.** Campo Grande, MS: Ed. Ufms, 2011.

SILVA, E. DA. **Os sentidos produzidos nos currículos da formação inicial de professores alfabetizadores.** Rio de Janeiro: Abril/2015.
[http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes 2015/ dedineia.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes%2015/dedineia.pdf). Acesso em 12/11/15.

SOARES, Magda. **Letramento e Escolarização.** In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004. 287 p.

_____, Magda. **Alfabetização e letramento**, 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Alfabetização e Letramento.** 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2008

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 65 p.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.58.

NETO, Samuel de Souza et al. **Formação inicial e continuada de professores: Comunicação Científica .IX Congresso Estadual paulista sobre formação de educadores - Unesp,2007.**
[file:///C:/Users/antonio/Downloads/8eixo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/antonio/Downloads/8eixo%20(1).pdf). Acesso em outubro de 15.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Gêneros textuais e letramento.** RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Consciência e acção sobre a prática como libertação dos professores**. In: NÓVOA, Profissão professor. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

SALES, M. C. R..**A formação do professor alfabetizador**

http://www.posgraduacaoredentor.com.br/hide/path_img/conteudo_5424688753de6.pdf, 2010. Acesso em 24/09/2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese da história da cultura brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

VASCONCELOS, Celso: **Planejamento. Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**, São Paulo, Libertad, 1999.

_____, Celso dos S: **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1995.

APÊNDICE A – Modelo questionário do colaborador

**QUESTIONÁRIOS SEMIESTRUTURADOS**

Prezado (a) Professor (a),

O presente estudo faz parte da pesquisa de campo para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição FAMAM, que tem como título: **As implicações da formação inicial diante da prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida Bahia**. Pesquisa realizada pelas discentes Elilucia Gomes Bingres, Suzana de Almeida Ortega Cruz e Vanderléia França Romão Santos, tendo como orientadora a professora Roberta Gonçalves dos Santos.

Ressaltamos que será mantido sigilo total quanto aos participantes da pesquisa.

Agradecemos a contribuição ao passo em que solicitamos a sua autorização para a utilização das informações prestadas.

1- Qual sua formação? (Caso necessário poderá assinar duas respostas)

- () Ensino Médio completo
- () Magistério completo
- () Ensino Superior incompleto
- () Ensino Superior completo

2- Caso sua resposta seja Superior completo, responda qual sua formação?

3- A formação inicial implica na sua prática pedagógica? Justifique.

4- Para você a falta de formação inicial, tanto do Magistério, quanto de Pedagogia, implica em sua prática pedagógica de alfabetização? Justifique.

5- Você conhece os métodos de alfabetização? Assinale os que você conhece.

- () método sintético
() método analítico
() método construtivista

6- Qual desses métodos você utiliza em sala de aula? É eficaz no processo de alfabetização no seu dia a dia em sala de aula? Justifique.

7- Há (ou houve) alguma formação continuada para vocês professores estarem atuando em classes de 1º ano? Cite algumas.

8- Cite alguns teóricos estudados durante seu processo de formação inicial que mais lhe identifica.

9- Como é feito o planejamento na escola em que você ensina?

- () planejamento anual
() planejamento semestral
() planejamento mensal
() segue o PPP proposto pela Secretaria de Educação do Município

10- O método utilizado é eficaz? Mesmo sendo flexível, como se nota os resultados na prática pedagógica?

11- Planejar é ser autor do conhecimento, pensamento, história e destino dos alunos e professores. Que implicações podem ocorrer no processo ensino/aprendizagem da leitura/escrita, na falta desse planejamento?

12- Qual a melhor forma de avaliar os alunos durante esse processo de ensino/aprendizagem da leitura/escrita, baseado no planejamento feito e aplicado?

ANEXOS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Portaria do MEC nº 204, de 24 de outubro de 2011
Retificado no Diário Oficial da União em 06 de março de 2012



OF PED nº 168/2015

Governador Mangabeira-BA, 19/10/2015

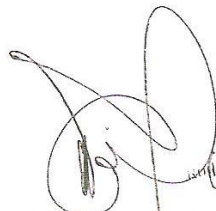
Ilma. Senhora,

Vimos, através deste, solicitar-lhe autorização para que as discentes **ELILÚCIA GOMES BINGRES, SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ e VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS** realizem pesquisa de campo junto a esta Instituição, referente ao seu trabalho monográfico de conclusão do Curso, cujo título: As implicações da formação inicial diante da prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia.

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os educandos no processo de alfabetização.

Agradecemos sua valiosa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

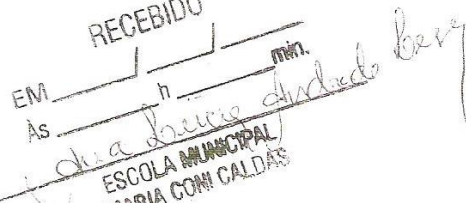
Atenciosamente,


Sergio Barbosa Ribeiro
Assessor de Orientação do
Curso de Pedagogia
Faculdade Maria Milza


Ana Lúcia Andrade Lessa
Diretora
Decreto nº 340/2013

Concedida a Autorização do Curso de Licenciatura em Pedagogia

À Ilma. Gestora Ana Lúcia Andrade Lessa
Escola Municipal Maria Coni Santos
Conceição do Almeida - Bahia

RECEBIDO
EM _____ h _____ min.
As _____ h _____ min.

ESCOLA MUNICIPAL
MARIA CONI CALDAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
 Portaria do MEC nº 204, de 24 de outubro de 2011
 Retificado no Diário Oficial da União em 06 de março de 2012



OF PED nº 169/2015

Governador Mangabeira-BA, 19/10/2015

Ilma. Senhora,

Vimós, através deste, solicitar-lhe autorização para que as discentes **ELILÚCIA GOMES BINGRES, SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ e VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS** realizem pesquisa de campo junto a esta Instituição, referente ao seu trabalho monográfico de conclusão do Curso, cujo título: **As implicações da formação inicial diante da prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia.**

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os educandos no processo de alfabetização.

Agradecemos sua valiosa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia
 Faculdade Maria Milza

À Ilma. Gestora Elisângela Candida Caldas Lima
 Escola Municipal Professora Alice Campos Lima
 Conceição do Almeida - Bahia

Escola Municipalizada
 Prof. Alice Campos Lima
 CNPJ: 02.026.060/0001-31
 Port. 1564 - D.O. 16/03/1978
 Conceição do Almeida-BA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Portaria do MEC nº 204, de 24 de outubro de 2011

Retificado no Diário Oficial da União em 06 de março de 2012



OF PED nº 170/2015

Governador Mangabeira-BA, 19/10/2015

Ilma. Senhora,

Vimos, através deste, solicitar-lhe autorização para que as discentes **ELILÚCIA GOMES BINGRES, SUZANA DE ALMEIDA ORTEGA CRUZ e VANDERLEIA FRANÇA ROMÃO SANTOS** realizem pesquisa de campo junto a esta Instituição, referente ao seu trabalho monográfico de conclusão do Curso, cujo título: **As implicações da formação inicial diante da prática pedagógica de alfabetização no município de Conceição do Almeida - Bahia.**

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender as implicações da formação inicial dos professores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas com os educandos no processo de alfabetização.

Agradecemos sua valiosa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Sérgio Barbosa Ribeiro'. The signature is written over a horizontal line.

Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia

À Ilma. Gestora Cristiane Barbosa Lima
Escola Municipal Professora Nilza Caldas de Carvalho
Conceição do Almeida - Bahia

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Cristiane Barbosa Lima'.

Cristiane Barbosa Lima
Diretora
Decreto Nº 159 de 01/02/2013